

Cidades mortas, cidades vivas: memória, identidade e espaço em Santa Rosa de Viterbo*

Willian Eduardo Righini de Souza**

Giulia Crippa***

1. Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2007, dos 645 municípios que compõem o estado de São Paulo, 68,2 % (440) possuíam menos de 25 mil habitantes.¹ Se preferirmos abranger todos aqueles que são considerados pequenos pelo IBGE, ou seja, com até 100 mil habitantes, podemos dizer que 89,1% (575) das cidades do estado são pequenas. No entanto, apesar da quantidade, raramente essas pequenas cidades são tratadas como objeto

* Versão ampliada e revista do trabalho originalmente apresentado no “I Simpósio de História Oral e Memória: Memória da Zona Leste de São Paulo” com o título “Fazenda Grande, Cidade Pequena: Relações entre Economia e Cultura em um Município do Interior do Estado de São Paulo”.

** Graduado em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP). Mestrando em Ciências da Informação pela Escola de Comunicação e Artes (USP). E-mail: wrighini@yahoo.com.br

*** Doutora em História Social e Professora do Curso de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e da Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação e Artes (USP). E-mail: giuliac@ffclrp.usp.br

¹ IBGE. **Censo demográfico e contagem da população 2007**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl1.asp?c=793&n=0&u=0&z=cd&o=17&i=P>>. Acesso em: 12 set. 2009.

de estudo, seja por estarem longe dos grandes centros urbanos, por não possuírem instituições de pesquisa – como universidades –, por não serem atrativas economicamente, turisticamente, entre outros.

Por outro lado, a literatura brasileira está repleta de exemplos que retratam essas cidadezinhas como lugares nos quais não há nada para se fazer, ver ou conhecer. Um desses está na obra de Monteiro Lobato, publicada em 1919, sugestivamente intitulada *Cidades mortas*, que busca descrever as cidades do Vale do Paraíba em declínio econômico após o auge do café. Entre os municípios fictícios de seu livro está Oblivion, que em inglês significa “esquecimento”. Segundo o autor, dela desviou-se a civilização, as pessoas vivem do passado, o tempo passa lentamente e nada muda onde o silêncio é uma constante: “A cidadezinha onde moro lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos na nuvem de poeira erguida além”.² Não é a toa que em Oblivion “um coronel suicidou-se ‘tired of buttoning and unbuttoning’ – cansado de abotoar e desabotoar a farda” e somente conseguirmos diferenciar uma segunda de uma terça ou quarta-feira pela folhinha.³

Pior ainda é a descrição do homem que vive nesses lugares. Lobato, um defensor da modernização do Brasil, provavelmente foi quem mais ajudou a sedimentar essa ideia negativa do homem do campo, descrevendo-o como alguém preguiçoso, que atrasa o desenvolvimento do país, desconfiado, abobalhado, muitas vezes violento, de trajes pobres, que não sabe falar direito e apresentar-se.⁴

² LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas**. São Paulo: Globo, 2007, p. 27.

³ *Ibidem*, p. 37-38.

⁴ Para Leite, a figura do caipira construída por Monteiro Lobato é bastante verdadeira e se distancia da visão idealizada e pitoresca comum da época. O que criaria a ideia de desvalorização seria o fato do autor apenas constatar situações e não buscar explicá-las. Entretanto, embasados pela nossa leitura, consideramos que as adjetivações de Lobato para o caipira são preconceituosas, pois parte de uma cultura que não é do homem que estuda, mas que critica seu modo de vida. É sabido que Monteiro Lobato era um nacionalista e tinha o intuito de enaltecer o “típico homem brasileiro”, mas considerar o caipira um preguiçoso, inerte, feio, covarde não é apenas constatar características sem uma maior discussão, mas

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugiando em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna.⁵

O caboclo é uma quantidade negativa. Tala cinqüenta alqueires de terra para extrair deles o com que passar fome e frio durante o ano. Calcula as sementeiras pelo máximo da sua resistência às privações. Nem mais, nem menos. “Dando para passar fome”, sem virem a morrer disso, ele, a mulher e o cachorro – está tudo muito bem; assim fez o pai, o avô, assim fará a prole empanzinada que naquele momento brinca nua no terreiro.⁶

Posteriormente, já em uma conjuntura modernista, como no grupo Verde-amarelo ou Anta formado pelos autores Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, encontramos a estereotipização inversa do homem e cidade do interior. Agora, ao contrário de mostrar o atraso e miséria do Jeca Tatu, o caboclo é descrito de modo “lírico e sonhador”, em “uma ‘idealização de base sentimental’”,⁷ como nos versos de Menotti del Picchia em *Juca Mulato*.

Uma estrela a fulgir, disse da etérea altura:

analisar uma cultura a partir de concepções proveniente de outro meio, que, neste caso, ridiculariza o caipira. Cf. LEITE, Sylvia Helena T. de A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas**: a caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Editora UNESP, 1996, p. 81.

⁵ LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964, p. 271.

⁶ *Ibidem*, p. 276.

⁷ VELLOSO, Mônica P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6. n. 11, p. 89-112, 1993. Disponível em: <http://www.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_MonicaVeloso_Brasilidade_verde_amarela.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2009, p. 7.

“Fui eu que iluminei a tua choça escura / no dia em que nasceste. Eras franzino e doente. / E teu pai te abraçou chorando de contente... / – Será doutor! – a mãe disse, e teu pai, sensato: / Nosso filho será um caboclo do mato, / forte como a peroba e livre como o vento! – / Desde então foste nosso e, desde esse momento, / nós te amamos seguindo o teu incerto trilho / com carinhos de mãe que defende seu filho!”.⁸

Desse modo, apesar da contribuição de autores como Antônio Cândido em seu *O Parceiro do Rio Bonito* (originalmente publicado em 1964) e trabalhos contemporâneos na História, Antropologia e Sociologia terem tentado compreender o surgimento e desenvolvimento das pequenas cidades do interior,⁹ esse cenário deslocado da literatura ainda permanece no imaginário social dos grandes centros.¹⁰

Consciente disso, este artigo busca discutir as relações entre economia e cultura em uma dessas cidades do interior, Santa Rosa de Viterbo. Para tanto, produzimos uma revisão de literatura, analisamos documentos públicos, recolhemos relatos de moradores da cidade (aqui apresentados pelos seus primeiros nomes) a partir da metodologia da História Oral, além do uso de fotografias.

O objetivo é apresentar e compreender suas especificidades, ao mesmo tempo em que permite estabelecer relações com cidades similares, como as várias existentes no estado de São Paulo.

⁸ DEL PICCHIA, Paulo Menotti. **Juca Mulato**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982, p. 42.

⁹ Na Academia, podemos citar o trabalho de Queiroz (2006), *Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica*, que ainda será discutido neste trabalho. Já na literatura, uma referência é a obra de Valdomiro Silveira, um dos primeiros literatos a se preocupar mais em apresentar o homem rural como ser humano do que ridicularizá-lo a partir do lugar onde vive, como discutiu Yatsuda na análise da obra do autor intitulada *Leréias*. YATSUDA, Enid. **A ficção movediça**: uma leitura de Leréias, de Valdomiro Silveira. 1983. 172 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

¹⁰ Ainda encontramos representações do homem rural e do interior nas Artes, como na pintura de José Ferraz de Almeida Júnior, *Caipira picando fumo* (1893); no cinema, com os filmes de Amácio Mazzaropi; e até mesmo na história em quadrinhos, com o personagem Chico Bento, criado pelo cartunista Mauricio de Souza para a *Turma da Mônica*.

2. Zona rural

Santa Rosa de Viterbo, no nordeste do estado de São Paulo, pode ser considerada uma típica cidade do interior. Com uma população de 23.008 habitantes em 2009, segundo a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE),¹¹ ela é elogiada pelos moradores pelo seu aspecto calmo e pacato, onde pode-se viver sem o medo da violência que caracteriza os grandes centros, como podemos observar em nossas transcrições das entrevistas:

Boniperti: Eu gosto de sair pra rua e conhecer todo mundo que está ao meu redor. [...] essa tranquilidade é algo que me atrai muito, sempre me atraiu. De conhecer as pessoas e estar tranquilo porque as pessoas te conhecem e isso evita, sobremaneira, violência, tumultos.

André: A gente conhece praticamente todo mundo de cidade pequena e o povo é muito bom, hospitaleiro, recebe muito bem quem vem de fora. A cidade é muito calma, tudo é muito perto.

Estela: O que ela tem de bom? O que toda cidade do interior tem: a vida calma, simples [...] Mas o que ela tem de ruim? É uma cidade pequena onde todo mundo cuida da vida de todo mundo.

No entanto, para conhecer a cidade devemos nos dirigir a uma fazenda, que durante o século XX pertenceu a algumas das principais famílias do Brasil: Dumont, Schmidt e Matarazzo.

No início do século XIX, a área que hoje ocupa Santa Rosa de Viterbo era formada por fazendas de criação de gado. Com a chegada de mineiros e, posteriormente, do café à região, a criação de animais foi substituída pela lavoura. Em 1894, quando Santa Rosa já era um distrito policial, Henrique Santos Dumont – filho de Henrique Dumont e irmão de Alberto Santos Dumont – comprou na cidade de São Simão

¹¹ SÃO PAULO (Estado). Fundação SEADE. **Informações dos municípios paulistas – IMP**. São Paulo, c2007. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>>. Acesso em: 26 set. 2009.

uma fazenda que marcaria a história da cidade, a Fazenda Amália. Em 1910, Santa Rosa foi elevada a município, mas é em 1920 que se dá outro acontecimento que a transformaria. Os herdeiros da fazenda vendem a propriedade para uma sociedade constituída pelo conde Francesco Matarazzo, conde Alexandre Siciliano e o coronel Francisco Schimidt, que a denominam Sociedade Agrícola Fazenda Amália. Já em 1931, o filho do conde, Francisco Matarazzo Júnior, desfaz a sociedade e compra a parte dos outros sócios, ligando definitivamente a história de Santa Rosa ao império da família Matarazzo.¹²

É na Fazenda Amália que a maioria dos habitantes de Santa Rosa trabalhavam e/ou viviam. Para se ter uma ideia, em 1940, quando a cidade possuía 9.195 habitantes, 7.400 estavam na zona rural e somente 1.795 na zona urbana. Com a estrutura de uma pequena cidade, a fazenda já possuía hospital, cinema, clube, escola, estádio de futebol, armazém, igreja, pensão e moradia para os trabalhadores.

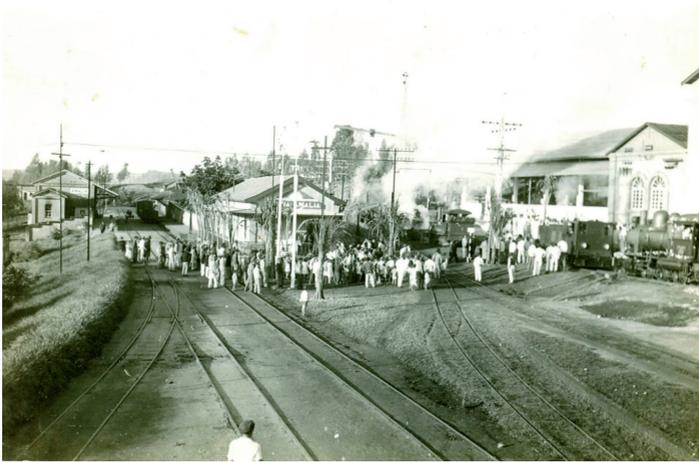
Como apresenta Correia,¹³ desde o século XIX difundiu-se no Brasil a prática de construção, por empresas, de casas para a moradia de seus funcionários. Na maioria das vezes denominada “vila operária”, se caracterizava por “um padrão de moradia popular oposto à favela, ao mocambo e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. O termo sugeria casas salubres e dotadas de ordem espacial interna, que se distinguia [...] [das] casas dos pobres urbanos”.¹⁴

¹² ANTUNES, Romeu J. **Histórias de Santa Rosa de Viterbo**. Santa Rosa de Viterbo: Ed. O Santa Rosa, 2000, p. 53-130.

¹³ CORREIA, Telma de Barros. De vila-operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, ano 3, n. 4, p. 81-96, maio 2001. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/publicacoes/Revistas/Anpur_v4.pdf#page=81>. Acesso em: 23 fev. 2009, p. 83.

¹⁴ *Ibidem*, p. 84.

Figura 1 – Fazenda Amália na década de 1940 (I)¹⁵



Devido à influência da família Matarazzo na administração de Santa Rosa e pela maior parte da população morar na fazenda, verifica-se que durante a primeira metade do século XX era a fazenda que possuía a cidade e não o contrário. Tal cenário fica evidente, por exemplo, ao observarmos um relatório produzido sobre Santa Rosa em 1939 com a finalidade de descrever todos os seus aspectos, desde o clima, rios e ruas até as diferentes construções. Enquanto toda cidade ocupa seis das nove páginas do documento, somente a fazenda recebe três, concentrando os elogios que não se verifica em outros trechos:

A sede da Fazenda Amália é uma verdadeira cidade possuindo cerca de 300 casas higiênicas e confortáveis com excelente água encanada, luz elétrica e todo conforto necessário.

Uma bela igreja do estilo campesino, sob a invocação de São Francisco, ergue ao céu sua cruz símbolo de paz e amor.

¹⁵ [FAZENDA Amália na década de 1940 (I)]. 1 fotografia, p&b. Coleção particular Romeu Antunes.

Conta a sede da Fazenda Amália com 6 escolas, sendo 5 estaduais e uma municipal. Acha-se em construção um prédio destinado a um Grupo Escolar.

Registra-se ainda na Fazenda Amália uma farmácia com sortimento completo de produtos químicos e farmacêuticos, assistência médica, grande armazém, loja, gabinete dentário, salão de barbeiro, padaria, um ótimo campo de futebol, quadra de tênis, oficina mecânica e dois auto-ônibus para os operários que residem em Santa Rosa de Viterbo.

O Palacete residencial está localizado em uma bela colina de onde se descortina um vasto e belíssimo panorama.

É pois com justificado orgulho, que Santa Rosa enumera entre os seus municípios ilustres o Exmo. Sr. Conde Francisco Matarazzo Júnior.¹⁶

Assim como na citação anterior, é comum referir-se à fazenda como uma verdadeira cidade:

De longe, com a casaria derramada em grupos e isoladamente, a Fazenda Amália se afigura aos olhos como uma cidade. A estrada de ferro atravessa toda a fazenda, tendo no centro a sua estação que da Fazenda tira o nome de Amália [...] Em redor da estação Amália vê-se uma inteira cidade onde, entre os vastos armazéns de depósitos e fornecimentos de todos os gêneros domésticos, a moradia do proprietário e do administrador, os estabelecimentos industriais, surge a bela igreja de N. S. da Glória, erguendo ao céu a sua cruz [...]¹⁷

¹⁶ SANTA ROSA DE VITERBO. **Município de Santa Rosa**. Santa Rosa de Viterbo, [1939?]. p. 9.

¹⁷ CAPRI, Roberto. **O Estado de São Paulo e seus Municípios**. São Paulo, v. 3. TYP, Pocai & Weiss, 1913.

Figura 2 – Fazenda Amália na década de 1940 (II)¹⁸



É verdade que os moradores da fazenda também precisavam ir à zona urbana de Santa Rosa para adquirir alguns produtos, como alimentos e roupas, mas como eram viagens esporádicas, geralmente uma vez por mês, isso não deflagrava uma grande limitação da fazenda, mesmo com as dificuldades de fazer o percurso a pé.

Assim como em documentos, também encontramos representações positivas da fazenda entre os moradores. Um dos fatores que contribuíram para essas boas lembranças são as festas, que citamos por se configurarem como espaços de expressão, integração e sociabilidade, onde era possível se encontrar com os amigos e conhecer aqueles mais distantes, como observaram Amaral¹⁹ e Magnani²⁰ na análise de diferentes modalidades de festas em outros contextos.

¹⁸ [FAZENDA Amália na década de 1940 (II)]. 1 fotografia, p&b. Coleção particular Romeu Antunes.

¹⁹ AMARAL, Rita. O tempo de festa é sempre. **NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Amaral-povodefesta.html>>. Acesso em: 26 set. 2009.

²⁰ MAGNANI, José G. C. Santana do Parnaíba: memória e cotidiano. **NAU - Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/magnanisantanadoparnaibav2.html>>. Acesso em: 26 set. 2009.

Dentro da fazenda, eram promovidas manifestações que nos ajudam a entender os costumes locais, como a Festa de Folia de Reis, Dança ou Festa de São Gonçalo, Congado, procissões e encontro de violeiros. Apesar de a Folia de Reis ser proibida na sede/área central da fazenda, pois os guardas impediam a entrada dos integrantes, companhias visitavam as moradias mais distantes, denominadas colônias, para dançar e cantar a história cristã dos Três Reis Magos.

Em uma pesquisa sobre a Folia de Reis na cidade de Leme – SP, Silva²¹ encontrou pessoas que contam como a festa ocorria na Amália:

Na Usina Amália era aquela carreira de casa, que a turma entrava de tarde. A coisa mais bonita é que quando batia numa colônia, outra companhia chegava e pegava de lá pra cá. Era o encontro de bandeira! Nossa Senhora, era gente igual formiga! Chegava o encontro de bandeira. Coisa linda era o encontro de bandeira!! Um embaixador canta de lá, e o outro embaixador canta daqui. Vão cantando, vão cantando, aí vai até trocar esmola. Aí, cruza as espadas, cruza as bandeiras, trocam as esmolas [...] E aquela segue o destino dela e a outra segue no destino dela novamente.²²

Outra manifestação era a Dança ou Festa de São Gonçalo. Realizada em pagamento a promessas ao santo, a dança consistia na organização de duas fileiras de dançarinos, uma de homens e outra de mulheres, que sapateando se dirigiam ao altar, beijavam a imagem, agradeciam a São Gonçalo e voltavam para o final da fila, tudo ao som de violeiros. Também eram servidos alimentos a cada “volta” (depois de todos terem ido ao altar) e, no final, os que estavam pagando uma promessa carregavam a imagem do santo.

Ainda podemos citar o Congado, manifestação afro-brasileira com elementos católicos que era realizada em homenagem a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e a co-

²¹ SILVA, Maria Aparecida de Moraes. A cultura na esteira do tempo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 102-112, jul. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 fev. 2009.

²² Ibidem, p. 108.

roação do Rei do Congo. O culto era acompanhado de música e dança, seja nas colônias da fazenda, seja na zona urbana, onde também era considerado atração.

Dessa forma, pelo modo de vida e costumes apresentados, o morador da Fazenda Amália se enquadra na definição do caipira,²³ como estudado por Antônio Cândido:

É preciso pensar no caipira como um homem que manteve a herança portuguesa nas suas formas antigas. Mas é preciso também pensar na transformação que ele sofreu aqui, fazendo do velho homem rural brasileiro o que ele é. “Tabareu”, “matuto”, “capião”, “caipira”, o que mais haja, ele é produto e ao mesmo tempo agente muito ativo de um grande processo de diferenciação cultural própria. Na extensa gama dos tipos sertanejos brasileiros, poderia ser considerado “caipira” o rural tradicional do sudoeste e porções do oeste, fruto de uma adaptação da herança fortemente misturada com a indígena, às condições físicas e sociais do Novo-Mundo.²⁴

Luyten,²⁵ por exemplo, ao apresentar as modalidades de música caipira, explica que a Dança de São Gonçalo é uma modalidade de Fandango, dança típica dessa cultura. Já Queiroz,²⁶ ao estudar os caipiras negros do Vale do Ribeira – SP, registrou uma Festa de São Gonçalo no ano de 1977.²⁷

²³ Segundo Santos, baseado nos escritos de Antônio Cândido e, principalmente, Donald Pierson, o termo caipira, já na década de 1940, tinha se modificado e passava a se referir a todo habitante de qualquer parte do país fora das cidades maiores. SANTOS, Carlos José F. dos. **Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP**. São Paulo: Annablume; Guarulhos: Sindicato dos Professores de Guarulhos, 2006. p. 114-115.

²⁴ CÂNDIDO, Antônio. A cultura caipira. [19?]. Disponível em: <<http://www.widesoft.com.br/users/pcastro2/cultura.htm>>. Acesso em: 9 mar. 2009.

²⁵ LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987, p. 91.

²⁶ QUEIROZ, Renato da Silva. **Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

²⁷ A obra de Queiroz é uma importante contribuição para os estudos dessa cultura ao reafirmar que, apesar de o caipira mais citado e conhecido ser o mestiço de indígena com português, o caipira não se refere a uma raça, mas a um modo de vida, como identificado na comunidade negra que norteou sua pesquisa.

Ao mesmo tempo, encontramos a relação da cultura caipira com a Folia de Reis na literatura brasileira, que também conseguiu registrar o preconceito existente contra o “caboclo”, como podemos observar em um trecho de *Vila dos Confins*, de Mário Palmério.

O senhor já ouviu falar em festa dos Santos Reis? Então, escute. Lá um dia, caboclo resolve inventar um Santos Reis. Aranja estampa de santo, convida os compadres, cata porção de mulher e menino, e sai a manada batendo lata e cantando ladainha. De fazenda em fazenda, de rancho em rancho. Todo o mundo tem de arranjar pagode para os vagabundos, dar dia santo, parar com o custeio do gado, a capina na lavoura. E se a gente faz cara boa, a caboclada vai ficando [...]²⁸

Posteriormente, com a instalação de indústrias na fazenda e a vinda de famílias para Santa Rosa, alguns traços dessa cultura se diluíam ou se transformaram. No entanto, uma característica interessante em Santa Rosa é que mesmo com o trabalho assalariado nas indústrias Matarazzo, as pessoas continuaram a viver na zona rural por mais alguns anos, suavizando a oposição campo *versus* indústria, pois, como observa Cândido,²⁹ o modo de vida caipira não era baseado no “enquadramento do salário e do patrão, como eles lhe foram apresentados, em moldes traçados para o trabalho servil”.

De fato, a circunstância que melhor explicita a oposição caipira X citadino é a do incremento da industrialização, que traz à tona a chamada ideologia da modernização. Nesse momento, para os defensores da incipiente industrialização, o caipira, enquanto representante do campo, torna-se símbolo do atraso. Mais do que isso, ele é mesmo tido como o elemento que impede o desenvolvimento da nação, agora centrado na zona urbana. Enfim, o caboclo é o entrave para que um país subdesenvolvido torne-se desenvolvido, como ingenuamente acreditavam alguns.³⁰

²⁸ PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 152.

²⁹ CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 107.

³⁰ YATSUDA, Enid. O caipira e os outros. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987, p. 104.

A relação entre a fazenda e a zona urbana torna-se mais clara quando observamos outra prática cultural, o futebol. Praticado seja no campo como na cidade, ele revela a rivalidade entre a Amália e a parte urbana de Santa Rosa, ao mesmo tempo em que expõe sua interdependência, quando cada lado tem como parâmetro de qualidade e desenvolvimento a comparação com o outro. O futebol, como prática de lazer e sociabilidade, além de mostrar a expressividade da fazenda em relação ao centro urbano, também reforça a constante interação entre esses dois núcleos.

Romeu: Lá, naquele tempo, o que se desenvolvia muito era o futebol. O esporte faz parte da cultura de uma comunidade, então era o futebol que se desenvolveu. A Amália era uma coisa mais glamourosa, como se fosse uma cidade, mas as colônias eram pequenos detalhes na Fazenda Amália, e havia campeonatos internos. Aí se selecionava esse pessoal das colônias para fazer o grande time de Amália que disputava os campeonatos. Só que a Amália chegou a se desenvolver de tal maneira, a estrutura futebolística, que no começo dos anos 60 eles disputaram a terceira divisão do Campeonato Paulista, ou seja, uma coisa, hoje a série A3, A4, mas era uma coisa muito expressiva pra época, que Santa Rosa, a cidade, nunca conseguiu chegar nisso, sempre amador, nunca se profissionalizou. Lá chegou ao nível profissional a ponto de se contratar um técnico, que era o Aníbal, era uma referência, era o goleiro do Palmeiras, um grande goleiro do Palmeiras, do time do Palmeiras principal, e esse cara veio ser o técnico da Amália nesse campeonato. E se não me engano, a Amália foi campeã dessa série, aí não tinha estrutura pra passar pra segunda divisão, porque teria que fazer estádio, e o Matarazzo já tinha problema demais lá com essa coisa de muita gente morando na fazenda. O mundo mudou, se um monte de colônias acaba se tornando independente, ele perde as terras. Então, nesse torvelinho as coisas foram desmontadas.

Boniperti: [...] o centro de Santa Rosa tinha uma rivalidade muito grande com a Amália. Tinha o time daqui de Santa Rosa, “- Oh, Santa Rosa ganhou da Amália”, isso era um vexame para Amália, e a mesma coisa o contrário, e assim vai. E há uma rivalidade, por quê? Quem morava em Amália? Os trabalhadores. A elite é mais tradicionalista que a Amália. Os

trabalhadores da Amália vinham de todos os lados, muitos italianos, espanhóis, enfim, japoneses, vinha de todo lado, gente que vinha do Rio, gente que vinha de Minas, de todo lado. Agora Santa Rosa não, esse é o santa-rosense, é o Garcia Duarte, é o Fonseca inteiro, são esses os santa-rosenses.

3. Zona urbana

Com o aumento dos direitos do trabalhador rural na década de 1960, como promulgado pelo Estatuto do Trabalhador Rural de 1963,³¹ os empregados da Fazenda Amália, insatisfeitos, começaram a exigir melhores condições de trabalho, culminando em greve no ano de 1966. Aproveitando-se da situação, o grupo Matarazzo decide destruir grande parte das moradias distribuídas por toda a fazenda, forçando os seus moradores a mudança para a cidade. Esse êxodo rural é o que explica a prevalência de habitantes na zona urbana a partir da década de 1970.³²

A mudança de famílias para Santa Rosa até o começo da década de 1980 fez com que a cidade ganhasse novos bairros, como as Cohabs, e grupos que viviam juntos nas colônias se dispersaram. Entretanto, como a maior parte da população continuou a trabalhar nas indústrias da fazenda, os laços sociais e com o lugar não se romperam definitivamente. Além do mais, o fato de a cidade continuar pequena e com pessoas provenientes de uma mesma região possibilitou que a vida tranquila da fazenda continuasse presente na área urbana.

³¹ BRASIL. Lei nº 4.214, de 2 de março de 1963. Dispõe sobre o Estatuto do Trabalhador Rural. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=183976>>. Acesso em: 13 set. 2009. O Estatuto do Trabalhador Rural de 1963 foi promulgado durante o governo de João Goulart. Entre outras coisas, o estatuto instituiu a obrigatoriedade de Carteira Profissional de Trabalhador Rural para o exercício da profissão, estipula o salário-mínimo regional como pagamento, concede férias remuneradas, estabelece as normas para contrato de trabalho, etc. Na década seguinte, o estatuto foi revogado pela Lei nº 5.889, de 8/6/1973.

³² ANTUNES, Romeu J. op. cit., p. 218.

Boniperti: Se você chegou mais tarde, se chega com outra pessoa, enfim, se você tropeçou, usou uma roupa extravagante, as pessoas vão comentar. Isso é o preço que se paga por morar em um lugar onde todo mundo se conhece.

Suzana: [As pessoas dizem que é] uma cidade mais pacata, não tem tantos roubos e, quando tem, sempre aparecem nos jornais, então é o maior comentário.

Paula: Tem um ponto que é positivo e negativo ao mesmo tempo: as pessoas se conhecerem. É positivo porque fica um ambiente mais familiar, você sai na rua e conhece as pessoas, mas é ruim também porque uma notícia pequena se espalha rapidamente, todo mundo sabe da vida de todo mundo.

Provavelmente, a maior mudança foi no cotidiano daqueles que já eram da cidade e viram o espaço urbano mais que dobrar em número de pessoas e moradias rapidamente. Um morador do centro antigo de Santa Rosa relata essa transformação:

Romeu: [A cidade] era um núcleo original, envolvia aqui o centro antigo até a Estação, mais ou menos, e não tinha da praça Pedro Cunalli pra Avenida Presidente Vargas, as Cohabs e o [bairro] Nosso Teto. De repente, com esse êxodo rural, acabou intensificando o desenvolvimento urbanístico nessas áreas e esse pessoal veio meio de repente morar aí, vieram as Cohabs, veio o Nosso Teto, ou seja, são três núcleos praticamente formados, e a cidade perdeu, na minha opinião, a identidade.

Com o êxodo, tradições populares existentes na fazenda se somaram às praticadas na cidade. Em um plano de desenvolvimento turístico para o município, elaborado pelos profissionais da Universidade Paulista (UNIP) em 2002,³³ conclui-se que Santa Rosa ainda possui nos dias atuais uma Companhia dos Mensageiros do Oriente, Festa do Divino, Quermesse de Santo Antônio, Terço de Santo Antônio, Folia de Reis, entre outros.

A Folia de Reis é um exemplo desse processo simultâneo de transformação e permanência. Depois de quase aca-

³³ UNIVERSIDADE PAULISTA. **Plano de desenvolvimento turístico do município de Santa Rosa de Viterbo.** Ribeirão Preto, 2002.

bar na década de 1980, a prefeitura oficializou o evento em 1985, inserindo-o na agenda cultural do município, o que garantiu sua continuidade. Atualmente realizada no Bosque Municipal, a festa de Folia de Reis conseguiu reunir cerca de 10 mil pessoas nos três dias de festas de 2007, garantindo o seu sucesso segundo o relatório de atividades da Fundação Cultural.³⁴ Contudo, a relevância para a vida da comunidade ficou menor:

Boniperti: Todo mundo que você conversa, que viveu essa época [da Folia de Reis na Amália], lembra com muita saudade. Esse encontro que se faz não chega aos pés. É muito maior agora em quantidade de pessoas envolvidas, mas não chega a comover como era, essa história de ir para um sítio, tal, não tem nem comparação.

Uma crítica possível à institucionalização ou retomada de práticas culturais na cidade é a de que se pretende reinventar tradições, manifestações que já não apresentam a mesma significação do passado, mas que pela repetição e divulgação conseguiriam forjar uma identidade local.³⁵ Para nós, a resposta está nos próprios relatos dos entrevistados, que reconhecem as diferenças entre os eventos realizados anteriormente e agora, mas que ao mesmo tempo não negam sua importância para a cidade atual. Como diz Gonçalves,³⁶ se patrimônios podem ser inventados, eles também nos “inventam”, participam de nossa imagem de cidade e da constituição da subjetividade.

Com o crescimento da cidade a partir da década de 1960, construções do núcleo antigo foram reformadas e/ou reutilizadas e eventos foram criados para atender os novos anseios da população. A Avenida Presidente Vargas foi asfaltada e se consolidou como a principal entrada de Santa Rosa, sendo ainda hoje local de encontros, ponto comercial

³⁴ SANTA ROSA DE VITERBO. Fundação cultural. **Relatório de atividades culturais [ano base 2007]**. Santa Rosa de Viterbo, 2008, p. 1-5.

³⁵ HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

³⁶ GONÇALVES, José Reginaldo S. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 29.

e de eventos oficiais e não oficiais. Em 1966, a nova sede do Grêmio Recreativo foi inaugurada. Em 1970, estudantes da cidade criaram a SUSA – Semana Universitária Santa-rosense – com festas e competições para o mês de julho, período de férias dos estudantes, apesar de a cidade não contar com nenhuma universidade. Em 1980, é inaugurado o clube de campo, Primavera Country Clube. Em 1981, outra manifestação cultural é iniciada, a Caça ao Tesouro do Momo, que consiste em encontrar uma peça de madeira enterrada em algum lugar da cidade para receber em troca uma quantia em dinheiro. Segundo os criadores do evento, Renato Alberto Antunes e Ivan Alvim de Freitas, a ideia se baseou no conto “O Escaravelho de Ouro”, de Edgar Allan Poe,³⁷ e no ano de 2009 ofereceu R\$ 1.500 para quem encontrasse o “tesouro”.

³⁷ O conto apresenta a história de William Legrand, um cavalheiro que, após perder sua fortuna, passa a residir com um antigo escravo, Júpiter, na ilha de Sullivan, na Carolina do Sul. Após encontrar um escaravelho e um pergaminho com um enigma, William começa a decifrá-lo até descobrir uma grande caixa de madeira enterrada na ilha contendo um tesouro de pirata. Desse modo, o herói volta a ser rico e recupera a confiança de seus amigos, que não acreditavam na veracidade de suas suposições. POE, Edgar Allan. O escaravelho de ouro. In: _____. **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 333-377.

Figura 3 – Panorama parcial da cidade com a Igreja Matriz ao centro³⁸



Nesse período, o que mais se desenvolveu na cidade foi uma banda de música, presente na Fazenda Amália desde os primeiros anos do século XX, quando Guido Maestrello dirigia um conjunto chamado “Dumont”. Em 1985, com a restauração da antiga estação de trem da Cia. Mogiana na cidade, foi criada a Estação da Cultura, com espaço físico e instrumentos necessários para o desenvolvimento do projeto.³⁹

Boniperti: Todos que eu conheci que ficaram lá, participando intensamente das atividades da banda, todos eles, independentemente da origem socioeconômica, foram para universidades públicas, fizeram cursos que gostariam de fazer e hoje estão relativamente bem estabelecidos. Daria para citar duas dezenas de pessoas com as quais aconteceu isso [...] Eu acho que eu nunca conheci uma cidade que tivesse uma relação

³⁸ SOUZA, Willian E. R. de. **Panorama parcial da cidade com a Igreja Matriz ao centro**. 2009. 1 fotografia, color. Coleção particular.

³⁹ FUNDAÇÃO CULTURAL DE SANTA ROSA DE VITERBO. **Histórico da Fundação Cultural de Santa Rosa de Viterbo**. c2008. {Cf. data.} Disponível em: <<http://www.bandasinfonicasrv.com/fundacao/historico.php>>. Acesso em: 26 fev. 2009.

tão grande com a música, tirando Tatuí, porque São Paulo, obviamente, o melhor está lá [...] são mais de 500 crianças e jovens, adultos, enfim, que estudam música gratuitamente, seja na Estação da Cultura, seja no projeto Guri, tem diversos grupos musicais.

Suzana: A banda sinfônica agora vai ter um crescimento exponencial, questão de território mesmo nacional, porque vão gravar um DVD com o Guilherme Arantes, e o projeto é grandioso, tem previsão de virem outros artistas de renome para fazerem também essa gravação com a banda. E temos a fanfarra, que com o maestro Pedro também é maravilhosa [...]

Daniela: [É] muito falado da Fundação da Cultura, que tem a banda, que é super famosa, muito reconhecida, o maestro. Todos que participam falam muito bem dali.

Romeu: [...] a música é o charme da cidade [...] a banda é o orgulho, uma banda de nível excelente, feita por estudantes amadores e que toca muito bem [...] tem 400 pessoas estudando lá, bota mais duas pessoas por família, você tem mil pessoas aí envolvidas. No mínimo a família vai ver a banda e isso é muito bom, multiplica. A música hoje já é tratada com muito respeito aqui em Santa Rosa, isso tudo de famílias pobres. Isso é interessante, é didático demais, a existência dessa escola de música gratuita aí [...]

A banda alcançou o reconhecimento e atualmente está presente no programa de divulgação da cidade. Seja no cartaz na entrada de Santa Rosa, como em outros folhetos, encontramos a figura de um maestro regendo as águas do Rio Pardo com a frase: “Santa Rosa de Viterbo: sinfonia do Rio Pardo.”

Figura 4 – Cartaz na entrada da cidade⁴⁰



Figura 5 – Estação da Cultura⁴¹



Na área econômica, enquanto as indústrias Matarazzo

⁴⁰ SOUZA, Willian E. R. de. **Cartaz na entrada da cidade**. 2009. 1 fotografia, color. Coleção particular.

⁴¹ _____. **Estação da Cultura**. 2009. 1 fotografia, color. Coleção particular.

passavam por dificuldades, o comércio se desenvolveu. Segundo a Fundação SEADE,⁴² no ano de 2006, o setor de serviços já correspondia a 32% do Produto Interno Bruto (PIB) da cidade. Além disso, a abertura de supermercados no ano das entrevistas chamou a atenção dos participantes da pesquisa:

Romeu: [...] a concorrência no comércio é terrível. Você vê, neste momento, abriram dois supermercados “super super”. Como é que sobrevive isso? [...] pujança, massa salarial [...] o comércio aqui se desenvolveu justamente por causa desse polo industrial que existe até hoje. O Matarazzo foi embora, praticamente, mas outros grupos vieram e aperfeiçoaram. Isso gera uma massa salarial que permite o desenvolvimento do comércio, desenvolvimento urbano de toda espécie.

Suzana: Minha mãe já teve um comércio e eu lembro das conversas que eu tinha com os vendedores. Eles gostavam muito de Santa Rosa, porque tem muito comércio, por mais que seja uma cidade pequena.

Daniela: Você vê quantos mercados já abriram? Uma coisa que toda mulher precisa hoje. [...] o comércio já ficou muito famoso, principalmente nas cidades da região. Vem muita gente aqui fazer compras.

No entanto, a necessidade de formação e qualificação profissional faz com que todos os dias vários ônibus viajem para Ribeirão Preto levando estudantes e empregados. Ao contrário do período em que os habitantes se inseriam nas oportunidades oferecidas pela fazenda, agora se observa a busca por melhores salários e cargos – muitos deles não existentes em Santa Rosa e na maioria das cidades pequenas. De certa forma, mas em proporção menor, o que acontece na cidade é semelhante ao êxodo rural iniciado na década de 1960. Não encontrando faculdades e empregos, parte dos jovens começa a procurá-los na região e, quando se estabelecem, muitos deles preferem não voltar mais. A falta de trabalho e suas consequências parecem ter se tornado a principal

⁴² SÃO PAULO (Estado). Fundação SEADE. **Produto Interno Bruto – PIB Municipal (2006)**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/pibmun/index.php>>. Acesso em: 12 set. 2009.

reclamação dos moradores em relação à cidade. Desse modo, ao mesmo tempo em que percebem o comércio como uma das principais fontes de renda e importante para a cidade, parte deles, principalmente os jovens, anseiam uma melhor qualificação profissional e retorno financeiro. Portanto, ao elogiar e criticar Santa Rosa simultaneamente, os relatos dos habitantes não se configuram como uma contradição, mas reafirmam seu crescimento e transformação econômica, que, contudo, também pode ser um problema, se os analisarmos em relação às aspirações de parte da população.

Daniela: Eu sempre falo que a gente tem a intenção de mudar daqui o ano que vem e ir pra Ribeirão. Só que às vezes eu fico pensando assim: “Nossa, Santa Rosa é tão gostoso, uma cidade tão legal” [...] Como toda cidade pequena tem esse problema [de emprego], questão de ser escasso. Na minha opinião, se eu vejo uma cidade maior, maior oportunidade de arrumar emprego. Porque aqui, às vezes, tem aquela questão de ter, vamos supor, duas vagas, então já preencheu aqui, e pra você arrumar uma vaga, só quando a pessoa aposentar ou quando ela sair pra algum lugar [...] Então eu vejo só esse probleminha, que eu acho que é tão mínimo que hoje você pode tanto trabalhar em Ribeirão e morar em Santa Rosa.

Boniperti: Há uma limitação de ganho em Santa Rosa, isso é evidente. Decidiu ficar em Santa Rosa, então seu poder aquisitivo vai ser limitado. Não é como São Paulo que o céu é o limite, se você abrir uma firma de persianas pode virar milionário. Em Santa Rosa, se você abrir uma firma de persianas, você vai atender, quando muito, 50, 100 clientes. É muito diferente. As pessoas que olham desse ponto de vista obviamente querem sair de Santa Rosa.

Paula: Ultimamente tem muita gente que reclama que a cidade, economicamente, não está se desenvolvendo. Fechou a [fábrica de] Sabonete, que muita gente perdeu o emprego. [Tem outras] que também dispensaram um monte de funcionários. A minha avó tem uma loja, então ela fala que nessa parte de comércio está muito fraco, porque o pessoal não tem mais dinheiro pra consumir. Nesses últimos anos tem baixado muito, muita gente vai embora da cidade. Muita gente que se forma não fica aqui, vai embora, vai trabalhar em outro lugar. A maioria das pessoas, os meus amigos, por exemplo,

que se formaram, têm eu e mais alguns, mas a maioria mora, mesmo que não muito longe daqui, mora em cidade ao redor, que oferece uma maior oportunidade de emprego.

Assim, cada vez mais, a cidade então isolada em torno da fazenda precisa se relacionar com as localidades vizinhas. Dessa forma, o aspecto econômico também tem influenciado no interesse cultural, pois enquanto os mais velhos veem a cidade como um lugar calmo e aconchegante para se viver, os jovens preferem Ribeirão Preto, o centro mais próximo, com mais e melhores oportunidades de lazer, emprego, compras, entre outros.

Cheyenne: Eu só vejo criticarem mesmo. Eu vejo os meus alunos, todo mundo fala, “Ah, não tem muita coisa pra fazer, não tem muito lugar pra ir”. Eu estou falando da idade adolescente, jovens. Eles estão entediados daqui, é a impressão que eu tenho, que não tem muito lugar pra ir, que é sempre as mesmas coisas, as mesmas pessoas.

Boniperti: Santa Rosa é muito limitada [...] por exemplo, [existe] um grupo muito grande que gosta de ir a Ribeirão Preto, que é o centro mais próximo. Esse pessoal vai a Ribeirão pra quê? Para shopping, pra loja, para bares e restaurantes movimentados, baladas, é isso que o pessoal gosta de lá, e esse é o grupo mais jovem. Aí tem um grupo intermediário, um pouco mais velho que já busca emprego, boas colocações.

Daniela: Santa Rosa é uma cidade ótima pra morar, eu só vou mudar daqui mesmo pela questão do emprego. Eu fico imaginando: “Ribeirão tem mais oportunidades.”

Suzana: [...] as pessoas gostam de Santa Rosa, os mais jovens não seriam tanto, pela questão que não tem uma faculdade estruturada, porque tem a distância, algumas particulares, mas tem poucos cursos, de repente são os mais procurados, tipo administração e tal, mas poderia talvez ter uma faculdade maior, mesmo que seja particular [...] Defeito aqui eu acredito que seja o emprego ainda, tem muitas pessoas desempregadas. Lá no meu trabalho eu vejo muitas pessoas que vão procurar fazer currículo, cadastro em sites pra procura de emprego.

O que se destaca é a relação economia e cultura, porque, em busca de emprego e estudo, esse novo grupo começa a desfrutar o que uma cidade de médio porte oferece e não está presente em uma pequena cidade do interior: shoppings, boates, teatros, entre outros; uma situação diferente do período anterior, pois enquanto a população apresentava outro modo de vida, a fazenda atendia às suas necessidades. Isolada do contato com outros centros urbanos além de Santa Rosa, os habitantes se adequavam ao modelo de vida vigente e, mesmo com pouco estudo, encontravam emprego nas indústrias Matarazzo. Como vimos, a fazenda era considerada uma verdadeira cidade.

Com a expulsão dos moradores das colônias, os santarosenses precisaram encontrar novas formas de sustento e uma melhor educação tornou-se um diferencial. Com mais pessoas estudando, o desejo de encontrar um emprego melhor e mais rentável mostrou que a cidade era limitada na qualidade e diversidade de vagas, apesar de boa parte ter obtido sucesso na área de serviços. Nessa nova conjuntura, a cidade ficou pequena.

Isso também não significa que a vida na fazenda era melhor. Na cidade, os moradores encontraram novas oportunidades de crescimento pessoal e profissional e, exatamente pela gama de alternativas, de escolhas que a cidade oferece, a vida tornou-se mais complexa. As tradições também não acabaram, mas diante de uma nova realidade estão se transformando. Como afirma Sahlins,⁴³ ao estudar a cultura em povos isolados e interligados, “integração e diferenciação são coevolucionárias”. O que se observa é uma possibilidade de interculturalidade, como proposto por García Canclini,⁴⁴ ou seja, o entrelaçamento, a confrontação e negociação em uma cultura que apresenta elementos híbridos, no caso, caipiras e urbanos simultaneamente.

⁴³ SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, out. 1997a. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2009, p. 58.

⁴⁴ GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas de interculturalidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007, p. 17.

Além do mais, conhecer o que Ribeirão e outras cidades oferecem ao mesmo tempo em que estão mais distantes dos costumes antigos também pode permitir uma maior reflexão dessas práticas em Santa Rosa, produzindo uma geração mais consciente de sua cultura.

Os costumes tornam-se conscientes, quando mais não seja, por causa da própria possibilidade de sua violação – inclusive aquela ocasionada pelo exemplo de costumes contrastantes vigentes em povos vizinhos –, o que notadamente exige que eles sejam inculcados nos jovens, juntamente com os sentimentos morais e emocionais apropriados. Obrigada assim a encontrar explicações racionais para práticas cujas razões são desconhecidas, a consciência da cultura não é uma mera racionalização, mas uma quase tradição consistente com os saberes, narrativas e interesses da sociedade.⁴⁵

Dessa forma, abandonamos a ideia de perda, “extinção”, como diz Sahlins, para compreendermos o surgimento e/ou transformação de práticas culturais no espaço urbano.

4. Considerações finais

Por meio deste relato, observamos que, assim como nas grandes metrópoles, algumas pequenas cidades do interior também passaram por significativas transformações econômicas e sociais nos últimos anos, mesmo quando não estavam vivendo uma explosão demográfica. Desse modo, superamos a visão estigmatizada de cidadezinhas estacionadas no tempo, com pessoas sem estudo e mal qualificadas, e muito menos contribuímos para uma visão romântica, como muitas vezes sugeriu a literatura.

Ainda nesse caso específico, verificamos que o êxodo rural ocorrido entre as décadas de 1960 a 1980 transformou

⁴⁵ SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, abr. 1997b. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2009, p. 135.

definitivamente a cidade, obrigando a diversificação dos postos de trabalho e permitindo o surgimento, desaparecimento e hibridização de práticas culturais.

Eventos como a Folia de Reis e lugares como a Fazenda Amália nos permitem mapear parte do patrimônio cultural material e imaterial da cidade, referências para a memória e identidade da população atual. Através desses bens, somos incentivados a refletir sobre os valores que os moradores atribuíram a essas manifestações e lembranças, como se adaptaram ao novo ambiente da cidade e quais suas perspectivas futuras.

Em outro ponto de vista, a necessidade de circulação espacial devido, principalmente, às condições econômicas permitirá a constituição de novas relações entre grupos e lugares, exigindo novas reflexões sobre a economia e a cultura no passado, presente e futuro de Santa Rosa de Viterbo, igual e ao mesmo tempo tão diferente de diversas outras cidadezinhas espalhadas pelo Brasil.

No entanto, a maior contribuição da análise desse quadro parece ser a possibilidade de questionar uma ideia evolutiva de cidade. No caso de Santa Rosa, poder-se-ia pensar, a princípio, que a fazenda precisou se transferir para uma pequena cidade e agora Santa Rosa deveria tornar-se maior para atender uma nova situação, garantindo maiores oportunidades e satisfação por parte dos seus moradores. O que na realidade observamos é que o crescimento da cidade também exige um novo modo de vida, que reclama por outras necessidades. A vida das pessoas na cidade não é necessariamente melhor apenas pelo oferecimento de mais serviços, diversidade de empregos, moradias, etc., pois as condições dessa vida também se modificam, como a exigência de uma melhor qualificação profissional. No momento, Ribeirão Preto parece ser a cidade ideal, pois suas oportunidades são analisadas pela ótica de uma cidade pequena, mas na cidade real, ela também exigirá uma nova postura social e econômica.

Além do mais, esse panorama reforça a dificuldade para definir o que é uma cidade. A fazenda possuía indústrias, comércio, agricultura, além de mais moradias e habitantes que

a zona urbana, o que, no senso comum, seriam características que definem uma cidade, apesar de a fazenda ser uma propriedade particular, sem apresentar condições políticas e administrativas para ser classificada dessa maneira. Como aponta Weber,⁴⁶ características que geralmente atribuímos apenas às cidades também se encontram em aldeias, como bens de raiz próprios e economia de receita e despesas. O que a diferencia de cidade, nesse caso, é a sua condição política. Os moradores antes de serem cidadãos eram empregados. Foi apenas no espaço urbano que eles adquiriam maior liberdade e garantiriam sua posição como cidadãos. É claro que enquanto viviam na fazenda esses moradores também eram santa-rosenses, detinham o direito ao voto e às garantias constitucionais da época. Entretanto, como vimos, o poder de influência da fazenda na cidade era muito grande e, como funcionários e dependentes da moradia e emprego, os interesses dos patrões muitas vezes se sobrepunham à execução desses direitos.

Por fim, caracterizar as circunstâncias socioeconômicas de uma cidade do porte de Santa Rosa de Viterbo possibilita estabelecer relações com cidades semelhantes, produzindo novos diálogos sobre o interior, principalmente o paulista.⁴⁷ Desse modo, ao mesmo tempo em que contribuí-

⁴⁶ WEBER, Max. A dominação não legítima (tipologia das cidades). In: _____. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da UnB, 1999, v. 2, p. 415.

⁴⁷ Um exemplo que podemos citar é o trabalho de Magnani (2007) em Santana do Parnaíba, uma cidade aparentemente muito diferente de Santa Rosa por se localizar na região metropolitana da cidade de São Paulo e possuir mais de 400 anos, sendo uma cidade histórica. Realizado no ano de 1984, quando a cidade tinha 15.995 habitantes, o autor observou a divisão do espaço urbano em dois núcleos, um bairro central constituído por antigos moradores e um novo formado por aqueles que tinham chegado à cidade há pouco tempo, como visto em Santa Rosa na construção de casas na Fazenda Amália e na zona urbana. Também é sublinhada a importância de festas como espaços de sociabilidade, e os moradores valorizavam a cidade, entre outros motivos, pelo seu aspecto tranquilo, como indicamos na cidade objeto desse estudo. Assim como em Santa Rosa, verificou-se na época que os jovens também reclamavam das opções de lazer, trabalho e consumo na cidade, procurando nas próximas Osasco e São Paulo o que desejavam, entre outros paralelos que permitem aproximações entre as duas localidades.

mos para a história de cidades que muitas vezes sequer possuem um arquivo público, como Santa Rosa, inserimos mais uma peça no mosaico que justifica a história local e regional ao ressaltar as diferenças e similaridades entre lugares específicos.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as transformações econômicas, sociais e culturais no município de Santa Rosa de Viterbo, São Paulo, durante o século XX e início do século XXI, principalmente a partir da década de 1960. Para isso, são apresentadas descrições de pequenas cidades do interior pela literatura brasileira, a documentação selecionada nas instituições locais e entrevistas com moradores. Como resultados são discutidas as características que identificam Santa Rosa e, supostamente, cidades de pequeno porte, além de possibilitar uma reflexão sobre a história local.

Palavras-chave: Interior paulista. Cultura caipira. História oral. Memória social.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the economic, social and cultural transformations in Santa Rosa de Viterbo, São Paulo, during the XX and early XXI centuries, mainly from the decade of 1960. For this, are showed descriptions of small inland towns within the Brazilian literature, documentation selected in the local institutions and interviews with residents. As results, the characteristics that identify Santa Rosa and presumably small cities are discussed, besides a reflection on the local history is made.

Keywords: São Paulo inland; caipira culture; oral history; social memory.

Artigo recebido para publicação em 04/08/2010

Artigo aprovado para publicação em 26/03/2011